



## **Práticas pedagógicas relacionadas à preparação da performance violonística**

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA/TCC

SUBÁREA: Educação musical (SA-2)

*Igor Colombo Simões*

*Universidade Federal do Espírito Santo*

*igorcolombosm@gmail.com*

*Victor Neves de Souza*

*Universidade Federal do Espírito Santo*

*victornsouza01@gmail.com*

**Resumo.** O presente artigo apresenta e debate os dados coletados durante a pesquisa de iniciação científica que apresenta o tema homônimo ao título deste trabalho, e que atualmente se encontra em estágio final de desenvolvimento. Esta pesquisa buscou documentar e refletir, por meio de encontros virtuais com voluntários e da análise destes, sobre como algumas etapas específicas da preparação da performance (planejamento de estudos, técnicas de memorização e ansiedade no palco) podem variar quanto a importância a depender do nível de experiência violonística do músico. A partir das dificuldades destes voluntários, foram feitos alguns direcionamentos utilizando o material bibliográfico estudado. Quanto às bases teórico-metodológicas, trata-se de uma pesquisa qualitativa que envolve também a metodologia de pesquisa quase-experimental, por envolver o processo de comparação de antes e depois do contato dos voluntários com o trabalho (GIL, 2006, p. 68-69), e utiliza os autores Iznola (2001), para abordar o tema de planejamento de estudos, Chaffin (2008) e Barros (2008) para o estudo de tocar de memória e Iravedra (2019) para ansiedade no palco. Os resultados do material coletado nos encontros com os voluntários foram apresentados parcialmente num formato de perguntas e respostas seguidos por algumas observações e orientações baseadas nas dificuldades destes. A pesquisa trouxe um retorno positivo por parte dos participantes, que demonstraram mudanças significativas em relação aos temas abordados.

**Palavras-chave.** Preparação da performance, Performance ao vivo, Violão, Pedagogia do violão.

### **Pedagogical practices related to the preparation of guitar performance**

**Abstract.** This article presents and discusses the data collected during the scientific initiation research that presents the homonymous theme to the title of this work, and which is currently in the final stage of development. This research tried to document and reflect, through virtual meetings with volunteers and their analysis, on how some specific stages of performance preparation (study planning, memorization techniques and stage anxiety) can vary in importance depending on the level of the musician's guitar experience. From the difficulties of these volunteers, some directions were made using the bibliographic material studied. As for the theoretical-methodological bases, it is a qualitative research that also involves the almost-experimental research methodology, as it involves the process of comparing before and after the volunteers contact with the work (GIL, 2006, p. 68-69), and uses the authors Iznola (2001) to explain the topic of study planning, Chaffin (2008) and Barros (2008) for the study of playing from memory and Iravedra (2019) for anxiety



on stage. The results of the material collected in the meetings with the volunteers were presented partially in a question and answer format followed by some observations and guidelines based on their difficulties. The survey brought positive feedback from the participants, who showed significant changes in relation to the topics covered.

**Keywords.** performance preparation. live performance. guitar. pedagogy of the guitar.

## Introdução

O presente artigo apresenta e debate os dados coletados durante a pesquisa de iniciação científica que apresenta o tema homônimo ao título deste trabalho, e que atualmente se encontra em estágio final de desenvolvimento. Esta pesquisa buscou documentar e refletir, por meio de encontros virtuais com voluntários e da análise destes, sobre como algumas etapas específicas da preparação da performance (planejamento de estudos, técnicas de memorização e ansiedade no palco) podem variar quanto a importância a depender do nível de experiência violonística do músico. Tendo sido compreendido que o tema é muito abrangente e possui várias ramificações, foram preparadas quatro aulas para que essas informações fossem coletadas, levando em consideração duas perguntas iniciais para direcionamento, como: Vale a pena trabalhar a preparação da performance? Quais são as diferenças de resultados entre os estudantes de diferentes categorias (iniciante, intermediário e avançado com ou sem conhecimentos aprofundados da teoria musical), quando estes são expostos aos estudos da preparação da performance?

Quanto à relevância do tema, esta consiste em não terem sido encontradas, até o presente momento, pesquisas que trouxessem uma abordagem pedagógica dos assuntos que envolvem a preparação da performance para turmas heterogêneas quanto ao nível de aptidão instrumental, e que ao mesmo tempo realizassem uma conversa com os participantes sobre o que eles absorveram melhor e porquê. Além disso, acreditamos que os resultados dessa pesquisa podem ser úteis a professores, estudantes e músicos em geral que, a depender de sua experiência e objetivos, vão despende mais energia em certos tópicos do que em outros, poupando-lhes tempo, possíveis frustrações e contribuindo para uma possível maior eficiência durante o aprendizado e execução de uma peça musical.

Antes de explicar detalhadamente o processo metodológico e apresentar os resultados e conclusões alcançadas até o momento, julga-se relevante comentar brevemente sobre os tópicos trabalhados com os voluntários, para situar o leitor quanto aos assuntos associados à preparação da performance.

## Planejamento de estudos

O planejamento de estudos é uma etapa muito importante para que qualquer músico consiga atingir seus objetivos de forma eficiente e segura num determinado período de tempo, sendo um dos grandes pilares da preparação da performance. De acordo com Ricardo Iznaola (2001), é necessário que toda sessão de estudos tenha algum propósito, ou seja, metas a serem cumpridas e estas devem estar ligadas a objetivos de curto, médio e longo prazo, a depender das necessidades do instrumentista. Nesse ponto, ele comenta ser interessante dividir o planejamento em três partes: construção, interpretação e performance (IZNAOLA, 2001, p. 10). Na construção ele diz ser momento em que se dá maior importância para os aspectos mecânicos e técnicos, a interpretação o momento em que se é trabalhado elementos expressivos da obra (elemento este muitas vezes esquecido e não trabalhado de forma separada), e a performance sendo o momento da integração da parte técnica e expressiva e estágio no qual devemos imaginar situações reais de performance, como barulhos inesperados, nervosismo, interrupções, etc. Dadas essas informações, é notável a extrema importância dessa divisão. No entanto, essa prática não chega a ser usual para violonistas iniciantes e intermediários (como será mostrado nos resultados da pesquisa), sendo comum que estes trabalhem o aspecto mais geral da obra. Sem esse estudo planejado e dividido levando em consideração essas divisões, a apresentação corre risco de não ser bem executada e não apresentar uma expressividade interessante, favorecendo ainda o acontecimento de “brancos” e situações similares, que será melhor abordado no próximo tópico.

Em relação a como deve ser equilibrado um estudo, o autor aponta três elementos principais a serem trabalhados numa seção, sendo estes: exercícios, para treinar a musculatura e capacitar os mecanismos de execução; os Estudos (peças musicais direcionadas a certa técnica musical), para ser trabalhado a técnica num contexto musical; e repertório, onde será integrado técnica e musicalidade (IZNAOLA, 2001, p. 11). É interessante notar aqui a semelhança da divisão que o autor faz, novamente em três partes, sendo as duas primeiras relacionadas a questões a serem trabalhadas de formas individuais e última a junção destas. Isso demonstra a importância que o autor dá em trabalhar questões musicais e mecânicas sempre da forma separada e organizada, e juntando-as somente que estas estiverem bem treinadas e internalizadas.

## O estudo para tocar de memória

O trabalho da memória musical, na grande parte do tempo, foi tratado por muitos como algo muito pessoal, natural e de pouca importância. Somente em pesquisas mais recentes que foi dada a devida importância para tal área dentro dos estudos musicais. Um deles foi Chaffin (2008), que traz algumas ideias de diferentes tipos de memória. O primeiro tipo de memória que ele apresenta em sua pesquisa é a memória de cadeia associativa, que é a mais comum e a mais utilizada. Esta ocorre por meio de uma cadeia ou sequência de eventos que vão levando a outros. Esse tipo de memória pode ser exemplificado através da música *Parabéns para você*. Se alguém buscar lembrar o terceiro verso da canção, provavelmente esta pessoa vai começar a cantar do início para então chegar no terceiro verso. Logo, para se lembrar qual é o terceiro verso, é necessário iniciar a cadeia de associação para chegar onde se quer. Esse tipo de memória pode ser bem perigosa para uma apresentação ao vivo importante, pois com o mínimo de desconcentração é possível que aconteça um “branco”, uma interrupção do fluxo de memória, o que pode obrigar o músico a voltar do início e correr o risco de esquecer no mesmo ponto durante essa repetição. O segundo tipo de memória que o mesmo autor coloca, pode ser compreendido como uma forma de fortalecer os pontos fracos do primeiro. Sendo esta uma memória na qual se faz várias marcações mentais no decorrer da peça, podendo ser feitas de frase em frase, seções em seções e sendo também relacionada à estrutura harmônica de determinada parte, assim como à gestos e sentimentos, bastando que auxilie o intérprete a se sentir mais confortável. Dessa forma, torna-se muito mais difícil de ocorrer os “brancos”, pois teremos vários pontos de referência, e caso este ocorra, será possível retomar de um ponto de segurança mais próximo. Esta última maneira de memorização pode ser trabalhosa, mas acaba sendo muito mais vantajosa pela tranquilidade que passa ao violonista em uma performance ao vivo.

Já Barros (2008), traz outros dois tipos de memória, como a visual e a auditiva. A memória visual consiste num tipo de memória que pode estar relacionada a memória fotográfica, na qual a partitura, no momento da performance, consegue ser visualizada ao mesmo tempo que a execução ocorre, funcionando assim como um mecanismo auxiliar de organização da obra na imagem mental do intérprete. Outra forma deste tipo de memória seria por meio do posicionamento dos dedos, onde se é memorizado o desenho ou os caminhos que cada um vai percorrer (esta segunda forma de memória visual está bastante ligada com a memória motora, que pode ser alcançada com a repetição de determinada parte, que conduz a

memória dita por Chaffin como sendo a memória por cadeia associativa). A memória auditiva tende a ser tão natural e automática, que não é considerada por muitos instrumentistas (BARROS, 2008, p. 124). Trata-se de memorizar auditivamente a obra, sendo importante quando trabalhada como orientação auxiliar para o músico não se perder durante a apresentação.

Cabe comentar que todas as memórias citadas não funcionam de forma individual, estas sempre trabalham juntas entre si em maior ou menor escala e apresentam uma associação forte com o trabalho mental que será comentado a seguir. Dessa forma, quanto mais ferramentas de memorização forem utilizadas, mais segurança será obtida no momento da apresentação performática.

### **Redução da ansiedade e medo no palco**

A ansiedade no palco pode ser considerada normal entre os instrumentistas, porém o nível desta é que pode ser prejudicial para uma apresentação. Como já foi comentado, construir um bom planejamento de estudos e conhecer e utilizar os diferentes tipos de memória são etapas que dão maior segurança no momento da apresentação, porém trabalhando somente essas questões, não se trabalha a sensação de tocar para um público. Se o músico não exercitar essa possível situação de estresse, mesmo tendo realizado um excelente planejamento de estudos e utilizado várias técnicas de memorização, este pode se sentir intimidado quando de frente para uma plateia.

Algumas sugestões para combater esses possíveis problemas, podem ser encontradas na tese de Iruveda (2019), onde este faz uma série de entrevistas com violonistas experientes. Para o recorte deste artigo, serão apenas comentados os dados referentes a importância de dividir o estudo em internalização e performance, e referente aos benefícios da auto gravação. Segundo o autor, a grande maioria dos concertistas entrevistados comentou sobre a importância de diferenciar os dois principais procedimentos de preparação de uma obra, um sendo referente à aprendizagem, tanto técnica quanto em termos de memorização, e o outro de prepará-la para tocar ao vivo (IRAVEDRA, 2019: p. 91). Tratando-se principalmente do segundo ponto, a pesquisa aponta, por meio de falas de grandes violonistas como Fábio Zanon, Àlex Garrobé e José Escobar, a grande importância do ato de gravar-se como forma de estudo, sendo este método utilizado para que seja possível uma auto análise tanto sonoro quanto performática. Este caminho também é útil para que se sinta um pouco da energia e do nervosismo de tocar ao vivo, por estar ciente de que aquele vídeo será analisado depois. Ainda acordo com o autor,

outra ação a ser feita para criar tal simulação, é tocar para amigos, vizinhos e parentes, para que cada vez mais a obra seja executada com segurança e tranquilidade perante a outras pessoas.

## **Metodologia**

Trata-se de uma pesquisa qualitativa que envolve também a metodologia de pesquisa quase-experimental, por envolver o processo de comparação de antes e depois do contato dos voluntários com o trabalho (GIL, 2006, p. 68-69). Para atingir o primeiro ponto de grande importância da pesquisa, os encontros virtuais, foi necessário realizar um planejamento para tudo ocorrer da melhor forma possível. Primeiramente foi feito um aprofundamento bibliográfico para reforçar os tópicos que seriam abordados nos encontros, seguido da montagem de um formulário com as seguintes perguntas: Qual você considera ser o seu nível de experiência ao violão? Com que periodicidade você está apto a participar dos encontros virtuais? Qual dia à tarde você tem disponível durante a semana? Quanto tempo de duração você dispõe para os nossos encontros virtuais?

Após ter essas primeiras questões concluídas, foi iniciado o processo de divulgação da pesquisa para estudantes de música da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e posteriormente para os da Faculdade de Música do Espírito Santo (FAMES) tendo atingido o total de dez participantes ao longo de toda a pesquisa até o momento. Após o preenchimento do formulário, foi observado que dentre os voluntários haviam três iniciantes, cinco intermediários e dois avançados, tendo sido também definido que seriam quatro encontros de uma hora cada. Tendo a duração, periodicidade e quantidade de encontros definidos, foi iniciado o processo de construção dos slides expositivos, com a intenção de apresentar os temas e iniciar alguns debates sobre o que estava sendo abordado. Quanto à organização do material, optou-se por uma abordagem dedutiva, partindo do conceito amplo para o específico.

Para o primeiro dia da pesquisa foi planejado apresentar o calendário, reforçando quais eram os objetivos, quais atividades eram esperadas (reforçando a não obrigatoriedade de realizar as mesmas), escolha de repertório a ser trabalhado (escolha livre, bastando que seja aprendida por meio da partitura), seguindo para uma apresentação da ideia ampla da preparação da performance para que depois houvesse o direcionamento para o tema específico daquele dia, sendo este o planejamento de estudos, tendo sido usados os autores Chaffin e Lisboa (2008), Iravedra (2019), Santos e Gloeden (2015) e Williamon e Valentine (2000) como base teórica.

Para o segundo encontro, foi planejado demonstrar algumas opções para uma primeira abordagem da partitura, tendo sido trabalhada observação de estruturas melódicas e rítmicas,

leitura à primeira vista e passando brevemente por algumas técnicas básicas de posicionamento da mão esquerda e direita no violão (por meio de alguns exercícios e demonstrações envolvendo a mecânica da mão). Foi utilizado como suporte teórico os autores Iravedra (2019) e Benedict (1985) para questões de leitura, e Pinto (1978) para as questões técnicas.

No terceiro encontro, foi organizado para que fosse trabalhado técnicas de memorização e guias de execução, tendo como base novamente os autores Chaffin e Lisboa (2008) e Iravedra (2019). E no encontro final, foi escolhido trabalhar os temas de visualização, estudo mental e controle da ansiedade nos períodos próximos a uma apresentação, finalizando com uma revisão geral do que foi trabalhado, sendo utilizados para a preparação deste encontro os autores Iravedra (2019) para a visualização e estudo mental, e para trabalhar a ansiedade no palco, os autores Maciente e Zani (2013).

Até o presente momento, esse material foi exposto em dois momentos distintos, o primeiro sendo composto por violonistas iniciantes e intermediários, e o segundo por violonistas experientes. Será utilizado “Turma 1” e “Turma 2” para se dirigir a cada momento, respectivamente. Os encontros com a Turma 1 aconteceram no mês final do mês de novembro até metade de dezembro de 2021, e os da Turma 2 começaram no início de junho de 2022 e continuam até o momento da escrita deste artigo, faltando apenas dois encontros.

## **Desenvolvimento e material coletado - Turma 1**

Esta turma teve a participação de sete voluntários, sendo três iniciantes e quatro intermediários. Porém, alguns tinham um nível de leitura de partitura mais elevado que outros, surgindo assim a necessidade de levar isso em consideração por causa da proposta da pesquisa. A fim de organização, a tabela a seguir foi feita para classificar os voluntários quanto sua habilidade técnica e de leitura de partitura, formando assim alguns grupos de classificação.

**Tabela 1 - Classificação dos voluntários da Turma 1**

Grupo	A	B	C	D
Nível de leitura musical	Iniciante	Iniciante	Intermediário	Avançado
Nível de técnica violonística	Iniciante	Intermediário	Intermediário	Iniciante
Número de voluntários	3	2	1	1

Fonte: próprio autor

Durante os momentos síncronos, além da exposição do material já comentado, foram realizados vários momentos de discussão sobre o que estava sendo apresentado, sempre sendo questionado aos participantes se estes já tinham ouvido falar daquele assunto, se achavam aquilo útil e se consideravam aplicável. Quanto à escolha individual da peça, optou-se por deixar de livre escolha (sendo feita algumas sugestões), tendo como única regra a obra ser aprendida por meio da leitura de partitura, o que acabou sendo interessante e motivador para os participantes, devido a heterogeneidade de aptidão. Todos os quatro encontros foram gravados e posteriormente transcritos para a coleta de dados pertinentes para a pesquisa, totalizando quatorze páginas de material. Devido ao tamanho máximo deste artigo, foi decidido expor somente duas perguntas e respostas, para que seja feita uma breve exposição e comparação do material coletado. Para tornar essa exposição um pouco mais dinâmica, a pergunta feita durante a pesquisa será colocada em negrito e em seguida será apresentada uma tabela contendo as respostas dos voluntários da Turma 1. Serão utilizadas as letras A, B, C e D, explicada na Tabela 1, para indicar o grupo em que o voluntário está inserido. Em seguida, será feito um breve comentário sobre estas.

Primeira pergunta: **O que você faz no primeiro contato com uma partitura?**

**Tabela 2 - Respostas à primeira pergunta: Turma 1, Grupo A**

Voluntário	Grupo A
1	Leio compasso por compasso e anoto o nome das notas e depois memorizo.
2	Começo fazendo uma leitura rítmica da obra.
3	Descubro o nome das notas e depois as procuro com dificuldade no violão.

Fonte: próprio autor

Pela resposta dos voluntários iniciantes, pode-se observar que pela dificuldade com a notação em partitura, estes podem acabar seguindo caminhos mais longos e desgastantes. Pela resposta do voluntário 1, percebe-se que este não está lendo de fato e sim memorizando as notas, o que pode causar erros na questão rítmica e prolongar desnecessariamente o tempo de internalização da música. Porém, este utiliza uma técnica muito comum, que é aprender uma obra compasso por compasso, ao contrário dos outros deste grupo. Os voluntários 2 e 3 já tinham um pouco mais de experiência com partitura, mas tinham dificuldade em encontrar as notas no braço do violão. Para ajudá-los nesses pontos, foi indicado o livro de Robert Benedict (1985) que tem como tema principal a leitura à primeira vista. No livro, trabalha-se as notas da

partitura corda por corda do violão, de forma cuidadosamente progressiva, o que amplia o conhecimento das notas no braço do instrumento e motiva o estudante, por serem exercícios curtos e bem estruturados. Sendo também indicado o livro de Henrique Pinto (1978), para trabalhar questões técnicas básicas.

**Tabela 3 - Respostas à primeira pergunta: Turma 1, Grupo B**

Voluntário	Grupo B
1	Sem comentários.
2	Sem comentários.

Fonte: próprio autor

Esses voluntários, apesar de já estarem num nível técnico interessante, ainda estavam numa fase muito inicial na leitura com partitura e não tinham pensado sobre o assunto até aquele momento, não tendo ainda opiniões formadas. Foi passado para estes os mesmos conselhos direcionados para o Grupo A.

**Tabela 4. Respostas à primeira pergunta: Turma 1, Grupo C**

Voluntário	Grupo C
1	Começo vendo o ritmo, a digitação da mão direita e depois começo a ler compasso por compasso.

Fonte: próprio autor

O voluntário deste grupo já mostrou um pouco maior aprofundamento na questão da observação de elementos antes de começar a ler a partitura, o que pelas pesquisas realizadas é considerado positivo e pode-se observar novamente a técnica de ler compasso por compasso.

**Tabela 5 - Respostas à primeira pergunta: Turma 1, Grupo D**

Voluntário	Grupo D
1	Faço uma análise rítmica e melódica e solfejo. Dificuldade em encontrar notas no violão.

Fonte: próprio autor

É perceptível que este voluntário tem uma maior desenvoltura com a partitura que os outros desta turma, por fazer uma análise e solfejo antes de começar a tocar a peça. Essas etapas são muito importantes para serem feitas antes de tocar uma obra, por ajuda a construir uma imagem mental organizada na cabeça, o que faz com que a internalização seja muito mais rápida, como aponta Iravedra (2019) em sua tese. Mas mesmo com essa facilidade, apresenta dificuldades em encontrar as notas do violão com velocidade. Dessa forma, foi indicado o mesmo material que para os grupos A e B.

Segunda pergunta: **Vocês planejam o estudo musical de vocês?**

**Tabela 6 - Respostas à segunda pergunta: Turma 1, Grupo A**

Voluntário	Grupo A
1	Não tenho esse costume.
2	Eu planejo mas não consigo cumprir.
3	Não planejo.

Fonte: próprio autor

Entre os voluntários iniciantes, é notável a dificuldade em fazer um planejamento e mantê-lo. Para isso foram compartilhadas algumas tabelas de planejamento para que estes conseguissem ter algum ponto de partida, e também foram passadas algumas dicas presentes na obra de Iznola (2001), como por exemplo ter um horário fixo do dia, ter objetivos bem traçados e cumpri-los, etc.

**Tabela 7 - Respostas à segunda pergunta: Turma 1, Grupo B**

Voluntário	Grupo B
1	Sim, costume usar tabelas mas tenho dificuldade em cumpri-las.
2	Sim.

Fonte: próprio autor

Neste grupo ainda é presente a dificuldade de manter o que foi planejado, tendo sido indicado observar quanto tempo se tem para realizar os objetivos e começar com um tempo menor para construir o hábito.

**Tabela 8 - Resposta à segunda pergunta: Turma 1, Grupo C**

Voluntário	Grupo C
1	Sim, acho fundamental o planejamento.

Fonte: próprio autor

Como demonstrou não ter dificuldades com a construção e continuidade do planejamento, não foram dados direcionamentos quanto a isso.

**Tabela 9 - Resposta à segunda pergunta: Turma 1, Grupo D**

Voluntário	Grupo D
1	Faço planejamento de outras coisas mas não para música, vou tentar.

Fonte: próprio autor

Para este foram feitas as mesmas considerações que para os grupos A e B.

## Material coletado e observações - Turma 2

A Turma 2 foi composta por três voluntários, todos podendo ser considerados experientes tanto no nível de técnica instrumental quanto no de leitura de partitura. Aqui a abordagem quanto a escolha de repertório foi diferente, optando-se para que todos tocassem a mesma peça, para que a análise de resultados fosse feita de forma diferente do que a feita para a Turma 1. Como os encontros com esta turma ainda estão em andamento, os resultados relacionados ao repertório ainda não foram obtidos. Em relação ao material didático preparado, tudo foi exatamente igual ao da Turma 1, para que a comparação nesse sentido fosse mais direta. Será utilizado a letra F para se dirigir aos voluntários deste grupo. Logo abaixo, segue as respostas destes para as mesmas perguntas feitas para a Turma 1.

Primeira pergunta: **O que você faz no primeiro contato com uma partitura?**

**Tabela 10 - Respostas à primeira pergunta: Turma 2, Grupo F**

Voluntário	Grupo F
1	Observo a música inteira e divido ela em seções e começo a leitura.

2	Faço uma observação geral e começo a ler compasso por compasso.
3	Começo observando possíveis problemas de digitação e depois faço uma leitura à primeira vista.

Fonte: próprio autor

Neste grupo pode ser observado um aprofundamento maior, principalmente em relação às etapas anteriores ao começar a ler, além de ficar evidente essa técnica de aprender a música compasso por compasso, sendo acrescentado agora essa questão de trabalhar por sessões. Tendo sido percebido que o foco girava muito em compassos e observações abrangentes, foi indicado a estes que buscassem observar estruturas rítmicas e melódicas ao longo da obra, a fim de fazer assimilações e observar o que se repetia, com intuito de poupar tempo. Também foi comentado por todos que apesar de conseguirem ler bem a partitura, tinham dificuldade com leitura à primeira vista, tendo sido indicado o mesmo material de Robert Benedict (1985), para conseguirem resolver essa questão.

Segunda pergunta: **Vocês planejam o estudo musical de vocês?**

**Tabela 11 - Respostas à segunda pergunta: Turma 2, Grupo F**

Voluntário	Grupo F
1	Sim, mas muito ao meu modo.
2	Sim, mas não de forma rotineira.
3	Sim, mas tenho problemas com dispersão.

Fonte: próprio autor

Tanto os voluntários 1 e 2 deste grupo, comentaram que não seguem nenhuma metodologia específica, planejam mas deixam a ordem e o horário do dia em que farão o estudo, bem flexíveis. Foi indicado para eles que ter uma margem de flexibilidade é sempre importante, mas que em excesso pode vir a atrapalhar o desenvolvimento do estudo. Já o voluntário 3, tem o problema de no momento em que está realizando o que planejou, facilmente se dispersar. Aqui ele foi indicado a manter o celular distante do local em que estudava e buscar escolher uma hora do dia em que fosse mais ativo.

## Comparação entre a Turma 1 e Turma 2

Apesar dos níveis de experiência serem diferentes, é notável que existam algumas semelhanças e lacunas, principalmente no que diz respeito à leitura à primeira vista e saber com facilidade onde estão as notas no braço do violão. Com o material indicado e alguns exercícios passados, estes comentaram que tiveram melhoras significativas nessa questão. Em relação ao o que fazer para aprender uma música pela partitura, em todos os níveis a ideia de trabalhar compasso por compasso apareceu, o que mostra ser um processo bem conhecido e usado. Quando demonstrado outras técnicas a serem feitas nessa etapa do aprendizado, como reconhecimento de estruturas que se repete, estes se demonstraram interessados e surpresos com o quanto aquilo facilitava a leitura musical. Já em relação ao planejamento de estudos, não se teve um retorno tão interessante, as tabelas demonstradas foram rapidamente esquecidas e os voluntários não demonstraram alterações no que faziam quanto a este tópico.

Em relação ao retorno geral dos encontros, foi observado que os voluntários iniciantes e intermediários têm uma preocupação muito maior em simplesmente tocar as notas que estão na partitura, deixando de lado aspectos como a articulação e dinâmicas, o que demonstrou ser muito importante para os avançados.

## Conclusão

A pesquisa até o momento demonstrou-se muito importante por um viés pedagógico, por tratar de assuntos que algumas vezes não recebem a devida importância e acabam por prejudicar o desenvolvimento do estudante. Quanto a isso, os voluntários demonstraram terem tido melhoras significativas quanto à leitura à primeira vista, técnicas de memorização e confiança para tocarem ao vivo, o que satisfaz as propostas iniciais da pesquisa. Quanto ao material coletado durante os encontros, foram obtidos relatos bem interessantes, porém extensos, que não puderam ser expostos aqui, mas que possivelmente serão organizados e disponibilizados em um artigo futuro.

## Referências Bibliográficas

BARROS, Luís Cláudio. *A pesquisa empírica sobre o planejamento da execução instrumental: uma reflexão crítica do sujeito de um estudo de caso*. Porto Alegre. 277 f. Tese (Doutorado em Práticas Interpretativas). UFRGS. 2008.

BENEDICT, Robert. *Sight Reading for the Classical Guitar: Daily Sight Reading Material with Emphasis on Interpretation, Phrasing, Form, Etc. Levels 1 to 3*. Alfred Publishing Company, 1985.

CHAFFIN, Roger; LISBOA, Tânia. Practicing perfection: How concert soloists prepare for performance. *ICTUS-Periódico do PPGMUS-UFBA| ICTUS Music Journal*, v. 9, n. 2, 2008.

GIL, Antonio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed. Editora Atlas SA, 2008.

IRAVEDRA, Rafael; WOLFF, Daniel. *A preparação para a performance musical ao vivo: uma revisão de literatura dos métodos e tratados de violão clássico*. In: Congresso da ANPPOM (29.: 2019: Pelotas, RS). XXIX Congresso da Anppom. Caderno de Resumos e Anais. Pelotas, RS: ANPPOM. 2019.

MACIENTE, Meryelle Nogueira; ZANI, NETTO Amílcar. *Abrandando o medo de palco e a ansiedade de performance por meio do foco na construção da interpretação musical*. In: Congresso da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Música. 2013.

PINTO, Henrique. *Iniciação ao violão*. São Paulo: Ricordi, v. 1, 1978.

SANTOS, Leandro Quintério; GLOEDEN, Edelton. *Estratégias para organização da prática individual do violonista*. VIII Simpósio Acadêmico de Violão da EMBAP, Curitiba. 2015.

WILLIAMON, Aaron; VALENTINE, Elizabeth. *Quantity and quality of musical practice as predictors of performance quality*. *British Journal of Psychology*, v. 91, n. 3, p. 353-376, 2000.